

# *Ricœuriana*

#1

ISSN  
2184-190X

Gonçalo Marcelo  
César Correa Arias  
Patrícia Lavelle  
Tomás Domingo Moratalla  
COORDS.

## A Atualidade de Paul Ricœur numa Perspetiva Ibero-Americana

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press



**SOBRE A RECEPÇÃO DA FILOSOFIA  
DE PAUL RICŒUR NO BRASIL<sup>1</sup>**

***ON THE RECEPTION OF PAUL RICŒUR'S PHILOSOPHY  
IN BRAZIL***

*Jeanne Marie Gagnebin*  
PUC/SP/UNICAMP<sup>2</sup>

Quando cheguei ao Brasil em janeiro de 1978, com um doutorado sobre a filosofia da história de Walter Benjamin no bolso, devo confessar que Ricœur era para mim um ilustre desconhecido. Vinha da tradição da Escola de Frankfurt, de um marxismo não dogmático, de uma paisagem alemã em suma. Conheci o trabalho de Ricœur – que, aliás, não era tão famoso assim! – por duas vias: primeiramente, e de maneira providencial, ao orientar um trabalho de mestrado sobre a relação alma e corpo em Platão na PUC/SP.

---

<sup>1</sup> Este testemunho, recolhido por Patrícia Lavelle em Dezembro de 2016, instou Jeanne Marie Gagnebin a pronunciar-se sobre três questões: as circunstâncias nas quais entrou, pela primeira vez, em contato com o pensamento de Ricœur; a forma como a recepção de Ricœur se fez no Brasil; e a relevância das relações entre filosofia e literatura, centrais para a pesquisa da própria Jeanne Marie Gagnebin, para esta recepção do pensamento ricœuriano no Brasil.

<sup>2</sup> Jeanne Marie Gagnebin, PUC-SP, Departamento de Filosofia, R. Monte Alegre, 984, Perdizes – São Paulo, CEP: 05014-901 Brasil / Unicamp, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo – Campinas, CEP: 13083970, Brasil. E-mail: jmgagnebin@gmail.com

A mestranda, Maria-Carolina Alves dos Santos, que depois se tornou professora na UNESP de Marília,<sup>3</sup> citava *La Symbolique du mal*, em particular o belo capítulo “Le mythe de l’âme exilée et le salut par la connaissance”.<sup>4</sup> Descobri o livro com admiração. Em segundo lugar, soube do livro de Ricoeur sobre Freud pelos colegas do Departamento de filosofia da Unicamp, na hoje extinta linha de pesquisa “filosofia da psicanálise” (da qual participavam, entre outros, Bento Prado Júnior, Luiz Roberto Monzani e Osmyr Gabbi Faria). O livro de Ricoeur, na pioneira tradução de Hilton Japiassu de 1977<sup>5</sup>, era leitura obrigatória, longe das querelas francesas e lacanianas.

No mesmo ano, Japiassu também organizou e traduziu uma pequena coletânea de textos de Ricoeur, intitulada *Interpretação e Ideologias* (Livraria Francisco Alves, há uma nova edição pela Editora Vozes em 2008),<sup>6</sup> sendo que esse título é do tradutor e reflete bem as cores do tempo! Japiassu escolhe alguns artigos de Ricoeur e os traduz antes mesmo de sua reunião, pelo autor, em *Du texte à l’action. Essais d’herméneutique II*.<sup>7</sup> Graças a essas primeiras traduções, Ricoeur entrou pela porta da teoria da psicanálise e do debate mais epistemológico sobre a hermenêutica (Habermas *versus* Gadamer) num círculo de leitores brasileiros bastante restrito ao meio filosófico e acadêmico, que, ademais, podia também consultar algumas traduções já existentes em Portugal.

---

<sup>3</sup> Maria Carolina Alves dos Santos, “A noção de corpo na antropologia platônica”, mestrado em filosofia, PUC/SP, 1986.

<sup>4</sup> Paul Ricoeur, “Le mythe de l’âme exilée et le salut par la connaissance” in *Philosophie de la volonté. Finitude et culpabilité II. La Symbolique du mal* (Paris: Aubier, 1960), 494-565.

<sup>5</sup> Paul Ricoeur, *Da Interpretação: ensaio sobre Freud*, tradução de H. Japiassu (Rio de Janeiro: Imago, 1977).

<sup>6</sup> Paul Ricoeur, *Interpretação e Ideologias*, tradução e apresentação de H. Japiassu (Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978). Nova versão: *Hermenêutica e Ideologias* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2008).

<sup>7</sup> Paul Ricoeur, *Du texte à l’action. Essais d’herméneutique II* (Paris: Seuil, 1986).

Como se sabe, a tendência da “recepção” de obras literárias e filosóficas (ou de ciências humanas em geral) no Brasil segue uma dinâmica marcada pelas traduções de um lado, pelas “modas” de fora, do outro. O eclipse da filosofia ricœuriana nos anos da predominância do estruturalismo na França, aquilo que François Dosse chama de “desvio americano de 1970 a 1985”<sup>8</sup>, anos de ensino fecundo nos Estados Unidos, repercute também no Brasil: nesse período, Ricœur é conhecido por alguns especialistas, mas está longe de constituir uma referência mais ampla. Eu diria até que o caráter muito pedagógico e generoso de seus textos, sua argumentação decidida, mas sempre cordata e equilibrada, o afasta até hoje de certa notoriedade intelectual, muitas vezes confundida no país com posições provocativas, com afirmações peremptórias, senão escandalosas, que podem fornecer boas manchetes aos cadernos culturais dos grandes jornais. Esse senhor sério, um honesto pai de família, também tem um defeito insuportável para muitos filósofos de plantão: ele nunca renegou sua fé cristã. Se pelo menos fosse ateu, agnóstico, até mesmo judeu como Levinas ou Derrida!! Mas ser “protestante” significa que ele é ou chato ou piegas ou ambos. Mesmo que Ricœur nunca se tenha cansado de separar sua fé pessoal de sua atividade filosófica, que ele sempre tenha defendido uma “filosofia sem absoluto” (isto é uma filosofia que não encontra na figura de Deus nem sua fonte nem seu fundamento), mesmo que ser protestante na França seja uma realidade distante, a anos-luz das diversas correntes evangélicas ou pentecostais do Brasil, Ricœur é mal visto, ou melhor, é sempre visto como “o filósofo cristão Paul Ricœur” – como lhe chamou a Folha de São Paulo ao anunciar sua morte em maio de 2005.

---

<sup>8</sup> Ver a oitava parte do livro de François Dosse, *Paul Ricœur. Les sens d'une vie* (Paris: La découverte, 1997), “L'éclipse: le détour américain, 1970-1985”, 439-502.

Claro, essa recusa por parte de um meio universitário francamente anticlerical e antirreligioso (*Aufklärung oblige!*) tem sua contraparte: a saber, uma apropriação da reflexão de Ricœur, em particular de sua ética, por pensadores e filósofos ligados ao catolicismo, especialmente nas universidades católicas (as PUCs) e numa editora ligada aos Jesuítas como a Editora Loyola. Essas últimas interpretações são de qualidade diversa, mas têm em comum uma visada ética que não consegue sempre abranger a dimensão *política* do pensamento ético de Ricœur, dimensão a meu ver sempre presente no autor (veja-se o belo artigo “Le paradoxe politique”<sup>9</sup> datado de 1957, sendo fruto de uma reflexão sobre a invasão da Hungria em 1956). Essa dimensão devia se tornar, aliás, cada vez mais clara, nas últimas reflexões de Ricœur, cada vez mais interessado pelo pensamento de Hannah Arendt, a respeito da justiça e do direito ou do perdão e do esquecimento.

São sem dúvida os três tomos de *Temps et Récit*<sup>10</sup> publicados, respetivamente, em 1983, 1984 e 1985, que vão recolocar Ricœur no centro do palco da filosofia francesa, não mais ocupado com exclusividade pelas querelas estruturalistas, “desconstrucionistas” ou pós-modernas (notemos que Derrida detestava a palavra “desconstrução” e Lyotard a palavra “pós-modernidade”). A notoriedade de Ricœur nos Estados Unidos ajuda seus compatriotas a prestar atenção a este filósofo francês tão pouco reconhecido, e, por ricochete, ajuda a que o público brasileiro também o faça.<sup>11</sup> Há, no entanto, uma razão mais consistente para esse sucesso: nessa obra exigente e generosa ao mesmo tempo, temos um pensamento

---

<sup>9</sup> Artigo republicado no livro *Histoire et vérité*. Ver Paul Ricœur, “Le paradoxe politique” in *Histoire et vérité* (Paris: Seuil, 1964), 294-321. Ver igualmente, sobre as posições de Ricoeur contra a Guerra da Argélia, Dosse, *op. cit.*, 289 e ss.

<sup>10</sup> Paul Ricœur, *Temps et récit. Tome 1: L'intrigue et le récit historique* (Paris: Seuil, 1983); *Tome 2: La configuration dans le récit de fiction* (Paris: Seuil, 1984); *Tome 3: Le temps raconté* (Paris: Seuil, 1985).

<sup>11</sup> Ver Dosse, *op. cit.*, 565 e ss.

genuinamente filosófico que se confronta com as pesquisas mais avançadas tanto nos campos da história quanto nos da teoria literária e da literatura. Isto é, Ricœur leva a sério a rica ambiguidade da palavra “récit” (narrativa e narração), decorrente da tríplice significação do conceito de “história”, *Geschichte* em alemão: o processo dos acontecimentos, a narração que recolhe, portanto lembra e interpreta esses acontecimentos em si mudos, e igualmente, as narrativas de ficção que inventam outra(s) história(s) e outra “realidade”. A confrontação de um filósofo com os campos da historiografia e da teoria literária revela uma prática filosófica que não se restringe à auto reprodução de si mesma enquanto “história da filosofia”, com todas suas querelas e chicanas, mas ousa se deixar questionar pelas práticas de outras ciências chamadas humanas ou sociais; e, de maneira recíproca, que reconstrói com discernimento os fundamentos e pressupostos dessas disciplinas e pode arriscar-se a questioná-los. Temos aqui uma outra concepção da filosofia que seu enclausuramento num diálogo exclusivo com sua própria tradição. Sem abdicar de sua clareza e de seu tão propalado rigor, a reflexão filosófica de Ricœur é uma exigente interrogação de conceitos, sem dúvida filosóficos (sujeito, verdade, real, ficção, para citar alguns), mas que não pertencem somente ao exercício da filosofia: pertencem ao pensamento em constante transformação das práticas artísticas e científicas. Esse gesto já estava na base do livro de Ricœur sobre Freud: se a argumentação filosófica podia ler o texto de Freud e apontar para sua grandeza, mas também para seus impasses, a repercussão da reflexão psicanalítica sobre a filosófica era ainda mais importante. Com efeito, depois de Freud, o conceito de “sujeito” não podia mais continuar, mesmo no discurso filosófico genuíno, a ser o mesmo. A leitura e a interpretação filosófica de Freud (e de outros “mestres da suspeita”) obriga a reconhecer “a ruína definitiva ... do ideal cartesiano, fichtiano e, em boa parte também, husserliano de uma transparência do sujeito

a si mesmo”.<sup>12</sup> Essa “opacidade” é rica: ela aponta para o famoso “desvio” pelas obras da cultura na auto compreensão do sujeito e, igualmente, para a importância decisiva que possui a força da imaginação (*Einbildungskraft*) não só nas práticas artísticas, mas também para uma teoria da *ação* humana.<sup>13</sup>

A mim me parece que a filosofia de Paul Ricœur começou mesmo a ser reconhecida em suas verdadeiras dimensões a partir da publicação dos três volumes de *Temps et Récit*, volumes traduzidos primeiramente pela Editora Papirus, com três tradutores diferentes, de 1994 a 1997<sup>14</sup> e, com nova tradução em 2010, pela Editora Martins Fontes<sup>15</sup>. Hélio Salles Gentil, autor do primeiro doutorado em filosofia sobre essa obra<sup>16</sup>, escreve uma bela introdução à tradução de *Tempo e narrativa* na Editora Martins Fontes, na qual situa esse livro maior de Ricœur no contexto mais amplo de seu pensamento, desde sua hermenêutica dos símbolos até suas pesquisas muito precisas sobre a *Metáfora viva*<sup>17</sup>; Gentil resume a tese “fundamental, fundadora do

---

<sup>12</sup> Paul Ricœur, *Réflexion faite. Autobiographie intellectuelle* (Paris: Esprit, 1995), 60 [tradução nossa].

<sup>13</sup> A esse respeito, ver Jean Luc Amalric, *Paul Ricœur, l'imagination vive. Une genèse de la philosophie ricœurienne de l'imagination* (Paris: Hermann, 2013). Jean-Luc Amalric teve durante três anos uma bolsa de pós-doutorado pela Fapesp (de março de 2013 a fevereiro de 2016), na PUC de São Paulo, participando ativamente de congressos e de bancas sobre Ricœur e ajudando a consolidar uma recepção ao mesmo tempo mais diversificada e rigorosa do filósofo.

<sup>14</sup> Paul Ricœur, *Tempo e Narrativa. Tomo I*: tradução de C. Marcondes César (Campinas: Papirus, 1994); *Tempo e Narrativa. Tomo II*, tradução de M. Appenzeller, com revisão de M. Villela-Petit (Campinas: Papirus, 1995); *Tempo e Narrativa. Tomo III*, tradução de R. Leal Ferreira, com revisão de M. Villela-Petit (Campinas: Papirus, 1996).

<sup>15</sup> Paul Ricœur, *Tempo e Narrativa, vol. 1: A intriga e a narrativa histórica*, tradução de Cláudia Berliner com introdução de Hélio Salles Gentil; *vol. 2: A configuração do tempo na narrativa de ficção*, tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar; *vol. 3: O tempo narrado* (São Paulo: Martins Fontes, 2010).

<sup>16</sup> Hélio Salles Gentil, *Para uma poética da Modernidade. Uma aproximação à arte do romance em “Temps et Récit” de Paul Ricœur* (São Paulo: Loyola, 2004); a tese foi defendida em 2001 no Departamento de filosofia da USP.

<sup>17</sup> Paul Ricœur, *A Metáfora Viva*, tradução de Dion Davi Macedo (São Paulo: Loyola, 2000).



empreendimento...: é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa”.<sup>18</sup> A partir da publicação de *Temps et récit*, justamente pelo viés da narração e das narrativas, como assinala Gentil, Ricœur entra na discussão brasileira, nomeadamente nas pesquisas de literatura e de história. Isto é: ele é lido não só por filósofos profissionais, mas por escritores, teóricos da literatura, psicanalistas,<sup>19</sup> historiadores. Como literatura e história no Brasil têm uma importância decisiva na auto compreensão cultural do país – sem querer ofender os colegas de ofício, muito mais do que filosofia! –, as reflexões filosóficas de Ricœur, justamente porque levam a sério a temporalidade das narrativas históricas e das narrativas ficcionais, penetram no debate sobre história e literatura no Brasil, renovando-o graças à sua amplitude reflexiva. Assim, por exemplo, o departamento de teoria literária da Unicamp organizou duas vezes colóquios concorridos sobre a obra de Ricœur (em 2008 e em 2015). Ousaria dizer que é justamente o gesto filosófico de reconhecer a “dignidade ontológica”<sup>20</sup> de outras disciplinas, diferentes da própria filosofia, que torna a filosofia de Ricœur tão vigorosa.

Para concluir, diria que essa recepção muito positiva e agora muito política da filosofia de Ricœur se repete com a publicação, em 2000, de *La mémoire, l'histoire, l'oubli*<sup>21</sup>, traduzido em 2007 no Brasil (por uma equipe de tradutores na Editora da Unicamp).<sup>22</sup> Com

---

<sup>18</sup> Hélio Salles Gentil, Introdução a Paul Ricœur, *Tempo e narrativa*, vol. 1, *op. cit.*, p. XI.

<sup>19</sup> Ver o livro de Sérgio de Gouvêa Franco, *Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur* (São Paulo: Loyola, 1995).

<sup>20</sup> Tomo a liberdade de remeter a meu artigo “De la dignité ontologique de la littérature”, in *Enthymema* n.º IX (2013): 11-21. Trad. portuguesa no volume *Paul Ricœur. Ética, Identidade e Reconhecimento*, Org. e tradução de F. Nascimento e W. Salles (São Paulo: Loyola, 2013), 37-55.

<sup>21</sup> Paul Ricœur, *La mémoire, l'histoire, l'oubli* (Paris: Seuil, 2000).

<sup>22</sup> Ricœur, *A Memória, a História, o Esquecimento*, tradução de A. François *et. al.* (Campinas: UNICAMP, 2007).

efeito, esse livro que busca delimitar “uma política da justa memória” (segundo as palavras do autor na primeira página da obra), caiu num terreno fértil: o da discussão das políticas de memória (alguns preferem dizer de esquecimento!) dos governos brasileiros em relação aos crimes cometidos durante a ditadura militar. As distinções ao mesmo tempo firmes e finas que Ricœur opera, por exemplo, entre os conceitos de anistia, de perdão e de esquecimento (na última parte do livro) ajudam, a meu ver, a criticar com mais profundidade reflexiva um tema tão candente como a Lei da Anistia. Clareza filosófica e resistência política conseguem se apoiar mutuamente na leitura desse belo volume de 2000.

Testemunho recolhido por *Patrícia Lavelle*

PUC Rio